

Ser ético, um desafio permanente

O filósofo fala do sentimento de vergonha e mágoa que experimentam os honestos no Brasil e destaca que agir eticamente pode significar sacrifício

Mozahir Salomão

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.” Esse é um excerto do discurso que Rui Barbosa, como senador, proferiu em 1914, exigindo a apuração de uma chacina que provocou a morte de vários presos. A ideia de que o cidadão correto chega a ter vergonha de ser honesto é um dos temas abordados nesta entrevista com o filósofo Renato Janine, da USP. Janine, que já foi diretor de avaliação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), aborda ainda o desalento do cidadão brasileiro em relação à política e reafirma sua defesa do espaço coletivo como lugar possível de realização coletiva.

Quais são hoje os desafios principais em relação ao entendimento da noção de ética? A ética pode ser entendida como resultado exclusivamente da renúncia e do conflito ou da permanente negociação?

A ética, em alguma circunstância pode resultar até, sim, de negociação. Por exemplo, temos uma concordância muito grande em relação ao que seja matar. Mas, hoje, o que é matar? Matar por defesa é matar? Deixar uma pessoa morrer de fome pode ser considerado matar? Então, ao ver uma pessoa faminta e necessitada na rua, não seria meu dever ajudá-la? Mesmo sendo um estranho? Eu poderia até tentar ajudar todas essas pessoas, pois não é apenas uma que está nessa condição, mas, assim, não me sobriaria tempo para mais nada. Esse é um ponto que temos que considerar e que está na origem da discussão ética: a definição das coisas que são certas e erradas. Então, primeiro vem a definição dos termos, que podem ser muito controversos. Depois, vem o conflito entre os termos. O direito à vida é um direito importante, mas o direito de propriedade também o é. E se os dois entrarem em conflito, qual deve prevalecer? Uma resposta mais provável que uma parte das pessoas daria é que o direito à vida deve prevalecer. Mas isso quer dizer o quê, exatamente? Veja: em algumas situações, o direito à propriedade, para manter o direito à vida de alguém,

pode ser o direito à vida da pessoa ou de outra. Enfim, a questão ética se torna uma questão enriquecedora e interessante quando as pessoas são questionadas em relação às ações e aos conflitos inerentes a elas. Mas um ponto que eu gostaria de frisar é que muitas pessoas, e isso vale para todos os grupos sociais, não têm o entendimento do que seja uma discussão ética. Muitas vezes confundem-se a discussão ética com os caminhos que a sociedade toma ou até mesmo com o que é melhor para cada um. Embora haja hoje no Brasil uma vontade muito grande em relação à ética, isso não quer dizer, necessariamente, que as pessoas tenham noção do que seja ética.

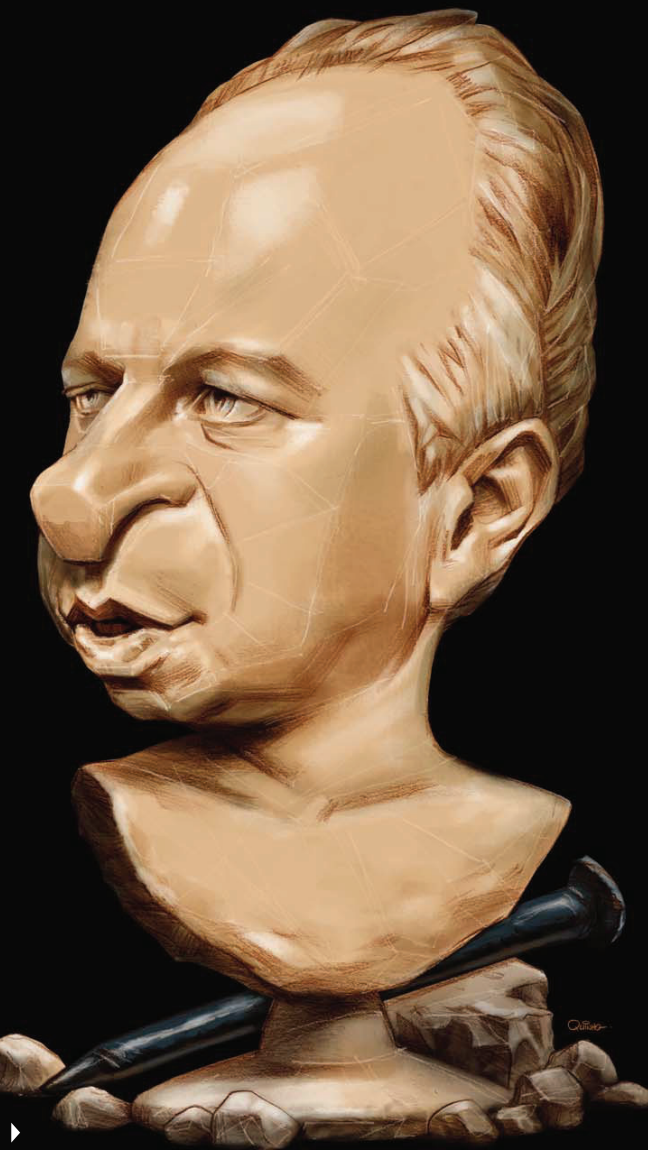
Nessa perspectiva, como cultivar os valores e princípios que orbitam em torno da ética e que podem torná-la possível num tempo de valorização da competitividade e do sucesso a qualquer preço?

Primeiro é preciso entender que agir eticamente pode significar sacrifício. Quando você está atuando de modo ético, em algum momento você pode ser chamado a se sacrificar, em algum momento você pode ser chamado a ir contra os seus interesses. E isso é algo que aqueles que se querem éticos têm que estar dispostos a fazê-lo. Isso varia de intensidade e modo em cada campo da vida. No campo profissional, por exemplo, algumas profissões se

veem mais em situações de conflito que outras. Um jornalista a quem é pedido um determinado artigo e ele não quer fazê-lo: se ele for ético e não o fizer, ele corre um risco de perder o emprego e, dependendo da situação, de ter dificuldades mesmo em conseguir outro emprego. As pessoas têm que estar atentas e saberem que a ética não é barata. Não é apenas um enfeite.

Pensando em passagem de gerações e que cada vez mais as famílias entregam a tarefa de formar e educar os jovens às escolas, com os pais, muitas vezes, subtraindo-se do processo, a escola já no presente, mas também no futuro, necessita desenvolver quais novas competências para tal?

A grande questão é como as pessoas lidam com os dilemas do mundo hoje. Quando se fala em ética, as pessoas parecem perdidas, não sabendo exatamente o que é certo ou errado e elas querem substituir algumas visões antigas do que é certo e errado por visões novas. E, em geral, sentem que precisam de alguém que dê uma resposta, um caminho a elas para isso. E uma das questões cruciais da atualidade é esta: quando está se educando alguém, não se pode nem se deve definir para uma pessoa o que é certo. Ela tem que encontrar isso por si própria. Um professor tem posições e compreensões a respeito dos mais diversos assuntos, mas se ele tentar passar isso para um ▶



aluno, ele estará promovendo um desserviço muito grande. Pois, a partir daí, esse aluno estará apenas seguindo um padrão de outra pessoa. Não vai raciocinar por si próprio. Não quer dizer que cada pessoa tem uma ética própria. Mas é fundamental que, na formação de uma pessoa, seja em relação aos filhos ou aos alunos, se permita que cada um deles desenvolva quais são as maneiras de sustentar e defender seus valores. O grande desafio, hoje, é as pessoas conseguirem assumir uma posição que seja delas, porque, infelizmente, a tendência não é essa, e sim, aceitar posições prontas. E essa é uma tendência que está em toda parte. Não se pode dizer que está em setores mais ou menos conservadores, que se empenham em dizer que isso ou aquilo é certo e ponto final. Nós precisamos desenvolver, ainda mais nesse período histórico de inúmeras mudanças pelas quais passamos, uma competência para que cada pessoa encontre um modo de sustentar suas ideias por conta própria. Sem ficar dependendo do outro. Agora, isso não é muito fácil.

Fala-se sempre e muito na corrupção política e na administrativa. Mas o nosso cotidiano é recheado dessas pequenas corrupções: o desrespeito às filas, as sinalizações de orientação coletiva, o papel que se joga no chão... Se a ética possui, assim, um componente cultural em sua essência, avançar na qualidade de nossas práticas políticas significará que tipos de outras mudanças?

São duas questões. A primeira delas é a educação, no sentido mais forte do termo. Ou seja, educação de as pessoas saberem da importância de ser educado, ser atencioso e respeitoso na relação com o outro. Porque esse tipo de educação não são

ENQUANTO ALGUMAS PESSOAS ACHAREM CERTO E VANTAJOSO SEREM DESONESTAS E INDISCIPLINADAS, NÓS TEREMOS UMA DIFICULDADE MUITO GRANDE PARA CONVENCER AS DEMAIS DE QUE VALE A PENA SER HONESTO

apenas formas. Quando a pessoa incorpora esse tipo de comportamento, ela está afirmando, pelas suas ações, que respeita os seus semelhantes. Isso é um ponto crucial, não apenas em relação à educação, mas em função de que daí nasce uma relação de comunidade bem melhor que a que teríamos antes. Outro ponto, que é bem mais difícil, é sentirmos que agir direito é imprescindível. Quando vivemos numa sociedade em que é tão comum o sucesso do mal-educado, do criminoso ou, então, mesmo na escola, em que os alunos que zoam os demais ou que são indisciplinados têm um prestígio maior com as meninas e outros colegas... Bem, isso nos causa uma sensação de que não precisamos agir bem e que o certo é ser assim, pois senão seremos passados para trás, como os exemplos das filas e dos alunos indisciplinados. E isso é um grande problema no Brasil. Diria que até mais aqui do que em outros

países. Em nosso país, desrespeita-se muito a lei e isso, no Brasil, acaba não trazendo muitas consequências. Mas creio também que há algum avanço aí. As pessoas parecem não ver mais aquele charme em desrespeitar a lei, embora muitos ainda levem vantagem com esse tipo de comportamento, o que deixa uma mágoa muito grande em quem busca ser correto. Refiro-me à sensação descrita por Rui Barbosa de que no Brasil o homem honesto tem vergonha de ser honesto. Enquanto algumas pessoas acharem certo e vantajoso serem desonestas e indisciplinadas, nós teremos uma dificuldade muito grande para convencer as demais de que vale a pena ser honesto.

Pensando a sociedade brasileira, a militância e a vida política assumiram, infelizmente, para a maioria, uma significação de ajeitamento, de privilégios e interesses individuais e de grupos. Como é possível que a política volte a ser o lugar da construção, da edificação de uma sociedade que enfrente seus conflitos e contradições?

Você falou sobre voltar, mas, sinceramente, eu não sei se o Brasil já teve uma política da qual pudéssemos nos orgulhar. Enfim, não se trata de voltar, e sim, de fazer uma coisa nova. Para fazer essa coisa nova, precisamos desenvolver um senso forte do coletivo. Isso também é uma coisa que está faltando muito entre nós. Na sociedade em que vivemos, o que é coletivo ficou muito empobrecido e por isso não temos muita noção do que é o bem comum. Nossa sociedade se fraturou em bens e interesses particulares. Lutar pelo bem comum está muito difícil. Aliás, está muito difícil até as pessoas entenderem o que seja o bem comum. É algo que terá que ser construído, ou seja, como nós vamos

ter uma preocupação e empenho de nos voltarmos para as coisas coletivas e entendermos que o espaço coletivo também pode ser um espaço de realização. Digo que sou um pouco cético em relação a isso. Consolidamos a tal ponto a valorização da vida individual que os alunos e mesmo outras pessoas a quem eu vou falar sobre ética confundem ética como uma vantagem, para eles, e é exatamente o contrário. Mostrar que pode haver uma realização coletiva não é fácil, mas precisa ser concretizado. Precisamos ter uma vida ética e coletiva. Para isso ser construído, a pessoa precisa se sentir realizada no espaço coletivo, precisamos mostrar que o espaço coletivo é bom para todos. A questão que se coloca é se nós podemos ter uma vida ética sem a coletividade. E, nesse caso, nossa sociedade vai caminhar cada vez para a individualidade e, assim, teremos que definir um novo tipo de ética.

Em seu livro Por uma Nova Política, o senhor destaca o difícil relacionamento entre as distintas áreas de conhecimento e aponta mesmo a incompreensão entre elas. Fugindo, claro, de estereótipos de profissionais de Exatas pouco sensíveis ao social e ao humano, e filósofos e sociólogos que não conseguem se conectar de modo mais objetivo com o mundo, o excessivo estancamento traz que tipo de prejuízo à formação científica e acadêmica?

Sem querer cair em reducionismos, diria o seguinte: nas Exatas, esse lado fica muito fechado. Acabam olhando pouco, na verdade, para o uso social da ciência. O cientista, mesmo que movido pela melhor das intenções e pensando em modificações sociais significativas, acaba entendendo que essas questões são téc-

NA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS, O QUE É COLETIVO FICOU MUITO EMPOBRECIDO E POR ISSO NÃO TEMOS MUITA NOÇÃO DO QUE É O BEM COMUM. NOSSA SOCIEDADE SE FRATUROU EM BENS E INTERESSES PARTICULARES

nicas, e esquece a dimensão político-social delas. Dou como exemplo a questão da produção de alimentos. Nós temos hoje no mundo um desafio que é produzir alimento para toda a população, levando em conta o aumento populacional e a dificuldade de terrenos agricultáveis, entre outros. Já vi muitos cientistas pensando em resolver isso com os alimentos transgênicos, pensando na questão apenas de forma técnica. Eu não estou me opondo aos transgênicos, mas se a questão se torna apenas técnica, os aspectos político-sociais da discussão ficam de lado. Vendo pelo lado técnico, aumentar a produção pode não ser suficiente para resolver o problema. Pois, além de aumentar a produção, é necessário garantir acesso aos alimentos produzidos. Esse é um ponto em que as Ciências Exatas precisam das Ciências Humanas. Quanto às Ciências

Humanas, acho que elas desenvolveram muito uma cultura da vítima. Como as CH vivem um momento em que professores e pesquisadores estão tendo menos oportunidades e condições de obtenção de benefícios e recursos, as pessoas tendem a achar que estão sendo prejudicadas porque são de Humanas e ficam com uma visão limitada em relação ao alcance do que poderiam produzir e conseguir. As Ciências Humanas têm uma repercussão gigantesca de reflexão sobre a sociedade, mas essa repercussão é subutilizada. Uma discussão permanente na universidade é de como vamos articular a universidade com a sociedade. Isso se dá em toda parte. E como, em geral, os processos de articulação envolvem empresas, parece que as CH se recolhem. Mas as pessoas de CH é que são especialistas em sociedade e entendem da vida social e seriam então as mais habilitadas para discutir universidade e sociedade. Mas elas acabam defendendo uma universidade fechada sobre si mesma, esquecendo que, se for para falar e relacionar com a sociedade, elas são as mais capacitadas. Mas, em vez disso, ficam em uma postura mais defensiva. Creio que tudo isso está muito ligado a esse estancamento dessas áreas de conhecimento, enfim, a preconceitos de uma em relação à outra, o que é muito prejudicial. Essas áreas precisam se conhecer melhor, mas, para isso, é preciso que se dispa dessas posições prévias – que, certamente, são muito confortáveis. É muito confortável, nesse caso, assumir um discurso de vitimização ou achar que o outro faz tudo errado. Creio que a gente acaba se desenvolvendo muito menos tecnologicamente em função da não presença das Humanas nesse processo. ■